

Considerações da Parashat Miqêš

Por Sha'ul Bensiyon

1) Resumo da Parashá

Esta parashá narra a ascensão de Yossêf (José) no reino de faraó, e o reencontro com seus irmãos

Capítulo 41: Os Sonhos de Faraó

Yossêf é chamado para interpretar os sonhos de faraó. Ele prevê sete anos de abundância no Egito seguidos por sete anos de fome. Faraó aponta Yossêf seu principal oficial no Egito. Durante os anos de prosperidade, Yossêf ajunta grãos de todo o Egito, preparando-se para a fome. Yossêf se casa e tem dois filhos.

Capítulo 42: Os irmãos de Yossêf vão Egito

A fome começa, e Ya`aqobh (Jacó) envia os seus filhos, com exceção de Binyamin (Benjamim) ao Egito para comprar grãos. Yossêf reconhece seus irmãos apesar deles não o reconhecerem. Ele os acusa de espionagem, prende Shim`on e exige a presença de Binyamin para confirmar a história. Ya`aqobh se recusa a enviar Binyamin ao Egito.

Capítulo 43: Retorno ao Egito

O alimento acaba, e Yehudá (Judá) pessoalmente assegura a segurança de Binyamin (Benjamim) e convence Ya`aqobh a deixar que os irmãos retornem ao Egito, com Binyamin.

Capítulo 44: Yossêf acusa Binyamin

Yossêf coloca um cálice de prata na bolsa de Binyamin, e então acusa os irmãos de roubo. Os irmãos negam veementemente, mas o cálice é encontrado na bolsa de Binyamin. A parashá termina com Yossêf dizendo que os irmãos podem regressar, mas que Binyamin ficaria como seu escravo.

2) Por que ninguém acertou o sonho?

Por que os sábios do Egito não acertaram o sonho de faraó?

“Muitos comentaristas partem da premissa de que a interpretação padrão de sonhos àquela época estava focada na dimensão pessoal, ao passo que faraó sentia que seus sonhos eram de maior importância.

A interpretação de José era consistente com o fato bem conhecido de que o transbordamento anual do Nilo, o sangue vital da agricultura egípcia, às vezes era insuficiente por diversos anos, produzindo dificuldades.” (R. Moshe Shamah - Parashat Miqqes - Part I)

3) O Ego de Faraó

“O Nilo era a fonte de mantimento da terra do Egito. O Egito tem clima seco e o Nilo tem cheia e irriga o Egito. O Nilo assim representa a fonte de provisão das necessidades básicas do Egito. Contudo, no sonho de faraó, ele estava de pé ‘al ha ye-or’, acima do Nilo. Isso significa que faraó sentia que ele estava ‘acima’

do Nilo. Em sua própria mente, ele era mais poderoso do que os poderes da natureza. Faraó considerava a si mesmo um deus.” (Comentário de Israel Chait)

4) O Temor dos Irmãos

“Jacó, sabendo que alimento estava disponível a seus filhos, faz a seus filhos uma pergunta bastante reveladora: לָמָּה הִתְרַאוּ... ”

A forma não usual de הִתְרַאוּ, sem o objeto פְּנִים (que então significar ‘encontrar face-a-face’) pode possivelmente estar relacionado à palavra יִרְאַה (‘temer’) e לָמָּה então seria traduzido ‘por que tendes medo?’ (Targum Jonathan).

Isso estaria ilustrando Jacó como reconhecendo, mas não compreendendo porque, seus filhos estavam apreensivos acerca de ir ao Egito. Talvez a expressão tenha duplo sentido.

Jacó levantou a questão novamente no versículo seguinte. Tais afirmações seguidas de וַיֹּאמֶר (‘ele disse’) sem uma resposta entre elas dos interlocutores indica que os últimos ficaram em silêncio. Em um comentário sutil sobre os efeitos posteriores de pecado não-expiado, os irmãos são descritos como

imobilizados, possivelmente inconscientemente, por sua recusa de confrontar seu feito passado mesmo remota ou indiretamente. E se eles encontrassem seu irmão vendido à escravidão?” (ibid)

5) O Envio

“Na última ocasião de interação entre Jacó e José, o patriarca enviou seu filho favorito para verificar o bem-estar de seus outros filhos, sem saber que estava criando um problema. Agora, para prover bem-estar aos seus outros filhos, sem saber da realidade mais profunda de sua ação, ele os envia a José, avançando a solução.” (ibid)

6) Dois segredos sobre o envio

“Certamente parece que a locução aponta para a divina providência e prefigura o objetivo final da viagem sinalizando que essa jornada deve ser, por fim, definida como os irmãos de José indo até ele, procedendo na direção do objetivo da reunificação.

O uso de וַיִּרְדּוּ corresponde ao uso daquela raiz para descrever que José tinha sido ‘levado para baixo’ ao Egito, הַיָּרֵד מִצְרָיִמָה, וַיֹּסֶף - eles o seguiram. (39:1)

A segunda referência à sua ida, na qual eles são denominados בְּנֵי יִשְׂרָאֵל, os visualiza como o microcosmo da nação que seriam destinados a se tornarem no Egito, prefigurando o objetivo de longo prazo de sua jornada. Na próxima referência a eles (v. 6) eles estão perante José e, como uma reflexão irônica da realidade, eles são novamente chamados de ‘irmãos de José’.” (ibid)

Duas importantes mensagens são reveladas pela Torá:

- Toda transgressão deve ser expiada. Possivelmente, devido à lei universal de ação e reação.
- A transgressão tem também consequências não só para eles como para os seus filhos, netos, etc. Enfim, para toda a nação de Israel.

7) A Dúvida de Yossêf

O versículo 8 repete o detalhe de que José reconheceu seu irmãos acrescentando que eles não o reconheceram. Essa combinação dramática dessas expressões permite que o versículo sirva de um significante dramático da situação extraordinária que havia se materializado, juntamente com as enormes possibilidades que se apresentaram a José. José agora tinha a oportunidade incrível de lidar com seus irmãos como desejasse, testá-los, educá-los ou fazer um plano para algum objetivo que achasse apropriado.

A demora na ação causada pela repetição textual de José reconhecendo seus irmãos pode também ser um artifício literário para refletir que ele levou um momento para contemplar exatamente o que fazer.”

8) Por que Yossêf testa seus irmãos?

Por que Yossêf (José) resolveu testar os seus irmãos? Existem diversas possibilidades interpretativas:

a) Preocupação com a Família

Yossêf teria preocupação se seus irmãos tinham mudado de conduta. Essa é a leitura de Ramban, Ralbag, Abarbanel, Seforno e R. Hirsch.

Alguns, como Ramban e Ralbag, afirmam que Yossêf estaria testando seu comportamento perante Binyamin. Se eles estivessem tratando mal o irmão, Yossêf o resgataria.

Outros, como R. Hirsch, afirmam que Yossêf estava preocupado em não conseguir perdoá-los caso não visse neles uma mudança de atitude.

b) Testar o Motivo da Traição

Flavio Josefo afirma que Yossêf desejava ver como eles tratariam Binyamin (Benjamim) para confirmar se seus irmãos eram cruéis, ou se foram simplesmente guiados pela providência do Eterno.

c) Facilitar o Arrependimento

Alguns comentaristas, como R. Eliezer Ashkenazi, R. Abraham Saba, e R. Moshe Alshikh afirmam que Yossêf desejava aplicar o ‘olho por olho’ para que seus irmãos pudessem ser logo expiados de suas transgressões.

d) Yossêf desejava cumprir o sonho

Alguns entendem que Yossêf procurou ‘seguir um script’ que fosse culminar no cumprimento do sonho profético, haja vista que agora compreendia a importância daqueles sonhos. Esse é o entendimento de R. Abraham Ben haRambam, R. Yona, R. Moshe Shamah entre outros.

e) Yossêf havia feito um juramento

Yossêf nada podia revelar porque havia concordado em fazer um juramento de silêncio acerca de sua venda como escravo, de maneira a evitar que fosse morto. Essa é a opinião R. Yehuda HeChasid, Moshav Zekeinim entre outros

f) Premissa de rejeição

Yossêf nada revelaria porque supunha, equivocadamente, que teria sido rejeitado perante seus irmãos e, principalmente, por seu pai, que viria a puní-lo. Essa é a visão de R. Shemuel Feigenson, entre outros.

g) Preservação

Yossêf estaria preocupado em preservar seu status no Egito, e não desejava contato com mais nenhum deles, exceto com Binyamin. Essa é a opinião de Demétrio o Cronfógrafo, Y. Eldad e outros.

h) Vingança

Yossêf estaria apenas exercendo uma simples vingança sobre seus irmãos pelo que fizeram a ele. Essa é a opinião de Radak.

i) Linhagem da Promessa

Yossef acreditaria que somente ele e Binyamin, ambos filhos de RaHel (Raquel) seriam destinados a herdar a promessa de se tornarem uma nação. Essa é a opinião do Prof. Yehiel Domb.

8) Os Assentos

“E assentaram-se diante dele, o primogênito segundo a sua primogenitura, e o menor segundo a sua menoridade; do que os homens se maravilhavam entre si.” (Gn. 43:33)

“De acordo com o protocolo egípcio, os irmãos se assentaram para jantar em uma mesa separada da dele... Apesar do texto não mencionar como tal organização de assento veio a ocorrer, é muito improvável que eles tenham se organizado daquela forma sozinhos.

Sua forma tradicional de agrupamento era de acordo com suas mães, como previamente indicado quando estavam descrevendo sua ocupação de pastoreio (37:2), conforme Jacó os dividiu quando encontraram Esaú, a medida que eram classificados quando eram contados.

José evidentemente instruiu seu mordomo para os apontar assentos nessa configuração, mas fazê-lo como se fosse aleatório. O texto dá uma dica disso, uma vez que é mencionado que se maravilharam após serem assentados, aparentemente se referindo a isso. A sintaxe neutra provavelmente reflete a mão

oculta de José por trás disso. (Subsequentemente, quando o mordomo checa suas bolsas, ele também o faz em ordem de idade.)

Ao impor tal configuração de assento nos onze irmãos, todos os quais à exceção de Benjamim nasceram no mesmo período de sete anos de quatro mães diferentes, e a maioria dos quais eram virtualmente da mesma idade de alguns dos outros, José os colocou em estado de desnorteamento, incapazes de compreender como isso aconteceu.

Mas, mais importante, a distribuição dos assentos desferiu um golpe para a união familiar: ela enfatizava que todos eles eram filhos do mesmo pai. Talvez pela primeira vez em suas vidas, os irmãos foram vistos como um único todo, em contraste com seus agrupamentos usuais de acordo com suas panelinhas.

Em sua juventude, José tinha sido vítima de ser esnobado pelos filhos Leah, que o haviam relegado a um status inferior, a ser associado com os filhos das servas. Os últimos também aparentemente tinham-no tratado como subordinados a ele (37:2). Esse comportamento discriminatório pode estar ligado aos relatos negativos que ele trouxe ao pai deles acerca de seus irmãos, que desgastou seu

relacionamento com eles desde cedo.” (R. Mosheh Shamah - Parashat Miqqes - Part III)

9) Yossêf, o Adivinho?

“Durante esse tempo, José estava focado no próximo passo de seu estratagema: incriminar Benjamim com uma acusação de roubo e fingir grande desapontamento quanto ao comportamento ingrato de seus irmãos. Ele preparava o caminho para seu mordomo encontrar o cálice ‘desparecido’ nas posses de Benjamim para poder dizer: ‘Por que pagastes mal por bem? Não é este o copo em que bebe meu senhor e pelo qual bem adivinha?’ (44:4-5)...

No Oriente Médio antigo um método de adivinhação (niHush) envolvia a interpretação dos padrões que eram percebidos na superfície de certos líquidos quando gotas de um líquido se assentavam noutro de densidade diferente, ou naqueles que se formavam nas borras de um cálice de vinho. Dessa forma, especialistas na arte supostamente poderiam prever o futuro ou revelar segredos antigos. Isso é posteriormente proibido na Torá juntamente com outras práticas mágicas e associações idólatras...

José, continuando a herança dos patriarcas, era um crente no único Senhor. Ele tinha recebido mensagens proféticas dEle e defendia Sua suprema autoridade para revelar o futuro (Gn. 40:8; 41:6). Ele nunca é descrito como praticando, de fato, niHush...

Logo depois, ele pessoalmente transmitiu a mensagem de forma expandida enquanto os repreendia: “Que é isto que fizestes? Não sabeis vós que um homem como eu pode, muito bem, adivinhar?” (Gn. 44:15)...

Seu propósito pode ter sido incitar seus irmãos a recordarem os sonhos que seu irmão visionário sonhara acerca deles. Eles deveriam considerar a possibilidade de que aqueles sonhos eram profecias legítimas do Eterno. Eles eram culpados por desprezá-las tanto quanto por rejeitar o sonhador e, claro, por sua terrível transgressão de vendê-lo.” (ibid)

10) A Reconciliação

Considerar o contexto do Oriente Médio antigo nesta parashá dá ainda mais luz à tensão na narrativa bíblica. Conforme explorado por David Daube, um acadêmico de lei antiga, e colocado no contexto da lei acádica antiga por Meir Mallul, um acadêmico de lei do Oriente Médio comparada, o reconhecimento de Jacó (hakara) da túnica de José é de natureza legal. No antigo Oriente Médio, evidência concreta tinha que ser legalmente reconhecida apesar das suspeitas remanescentes daqueles envolvidos...

O paralelo entre o destino de José e aquele que Jacó esperava de Benjamim é particularmente claro quando Judá repete a objeção de seu pai na próxima parashá:

“Então disse-nos teu servo, meu pai: Vós sabeis que minha mulher me deu dois filhos; E um ausentou-se de mim, e eu disse: Certamente foi despedaçado, e não o tenho visto até agora; Se agora também tirardes a este da minha face, e lhe acontecer algum desastre, fareis descer as minhas câs com aflição à sepultura.” (44:27-29)

No relato de Judá, a incerteza acerca do destino final de José é clara, tal como o paralelo com o perigo para Benjamim...

Assim, esta parashá se encerra com uma pergunta: os irmãos abandonarão Benjamim como (Jacó acreditava) tinham feito a José a Simeão, ou teriam aprendido? Agirão de forma diferente acerca do filho favorecido Benjamim do que fizeram acerca do filho favorecido José?...

Eles mais uma vez poderiam ‘não ser pegos’ abandonando um irmão favorecido, alegando que não tiveram alternativa e que, portanto, não eram responsáveis. O fato de não terem feito isso é o princípio da oportunidade de reconciliação com José.” (Dra. Miryam T. Brand - The “Conclusion” of Parashat Mikketz: Jacob’s Suspicion and the Brothers’ Choice)